

22/09/2025 10:46:15 - AE NEWS

MERCADO CRITICA PROPOSTA DE TRUMP PARA FIM DE BALANÇO TRIMESTRAL E VÊ POUCOS GANHOS ÀS EMPRESAS

Por Vinicius Novais

São Paulo, 22/09/2025 - Encampada na semana passada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a ideia de que empresas de capital aberto deixem de divulgar balanços trimestrais e passem a apresentar apenas informes semestrais tem sido alvo de críticas de profissionais do mercado. Professores e especialistas ouvidos pela Broadcast consideram a proposta um retrocesso que amplia a assimetria de informações entre investidores. Há quem pondere, contudo, que os custos para as companhias podem cair, trazendo algum alívio às despesas administrativas.

A defesa de Trump foi feita na segunda-feira passada, 15. Não é, contudo, novidade no repertório do republicano. Durante seu primeiro mandato, ele já havia feito sugestão semelhante, mas o projeto não avançou. O chefe da Casa Branca argumenta que as exigências da Securities and Exchange Commission (SEC, a CVM dos Estados Unidos) levam as empresas a focar apenas no curto prazo, deixando de lado planos de longo prazo. Ele também afirma que as companhias gastam muito dinheiro para manter a periodicidade trimestral dos balanços e que é necessário acelerar a desregulamentação da economia.

O mandatário americano já determinou, em março deste ano, a redução do volume de informações que as empresas são obrigadas a divulgar. Na ocasião, o Departamento do Tesouro deixou de exigir que as companhias informassem as propriedades beneficiárias quando alguém detém uma empresa por meio de um veículo, como um fundo fiduciário, os chamados trusts. A medida integrava um rol de regras para impedir a lavagem de dinheiro.

A proposta de Trump encontra eco em parte do mercado. O CEO da

Long-Term Stock Exchange (LTSE), uma bolsa dos EUA especializada em companhias que priorizam o longo prazo, defendeu ao Wall Street Journal o fim das divulgações a cada três meses. Em 2018, o CEO do JPMorgan, Jamie Dimon, e o megainvestidor Warren Buffett sugeriram que as empresas deixassem de divulgar guidances trimestrais.

A SEC passou a exigir a divulgação trimestral em 1970 para ampliar a transparência e facilitar a tomada de decisão do investidor. Antes, as divulgações eram semestrais.

Diante desse histórico, o professor da Fundação Getulio Vargas - Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP) e consultor de avaliação de empresas, André de Moura, considera a medida "uma volta ao passado, um retrocesso". Moura explica que a redução da divulgação dos números levaria a uma maior assimetria entre os investidores. Assim, ressalta o professor, quem tiver mais informações, seja por acesso ao noticiário ou por reuniões com membros das companhias, poderá tomar decisões melhores.

O professor da FIA Business School Carlos Honorato avalia que o prazo mais longo traz maior risco de gestão, por reduzir a transparência e elevar a incerteza para o investidor, além de aumentar o risco contábil. Para ele, a companhia também pode sofrer um ônus por demorar mais tempo para reagir a eventuais dificuldades expostas em balanços trimestrais.

"Existe um menor custo, mas é muito pequeno porque na realidade as companhias apuram resultados mês a mês, no trimestre somente apresentam ao público", avalia Honorato. Para ele, a mudança só é positiva para empresas que têm interesse em esconder algo em seus balanços.

Contraponto

O sócio tributário do CSA Advogados, Rafael Serrano, acredita que a redução dos custos administrativos seria mais expressiva, além de

diminuir as demandas das equipes, que precisam de tempo para prestar informações. Serrano também aponta que o intervalo maior entre as divulgações poderia suavizar os impactos de sazonalidades ou eventos não recorrentes nos números.

Honorato, por sua vez, não vê grande alívio administrativo para as companhias, pois o avanço da contabilidade digital e o uso de equipamentos eletrônicos já permitem uma visão em tempo real da operação. "Quem administra por contabilidade dirige olhando pelo retrovisor. Essa medida não acarreta em uma visão de longo prazo, até porque em cinco anos, por exemplo, o diretor e a estratégia da companhia já terão mudado", explica.

Moura entende que o movimento pode criar um hiato entre as empresas mais e as menos transparentes e que, por isso, o mercado tende a direcionar mais recursos às que optarem por divulgar mais dados.

Na mesma linha, Serrano lembra que não há impedimento para divulgar dados em períodos adicionais aos obrigatórios. "Sob a perspectiva do investidor, obviamente há uma perda da proximidade com os números da empresa. Todavia, nada impede que as companhias instituem outras formas de comunicação ao mercado, como a divulgação espontânea de informações relevantes", explica o advogado.

Contato: vinicius.novais@estadao.com